



**1**

## **NÚMERO 514, SÉRIE 23**

No dia 8 de dezembro do ano passado, o senhor Gerbois, professor de matemática no liceu de Versalhes, descobriu, em meio à bagunça de uma loja de antiguidades, uma pequena escrivaninha de mogno que lhe agradou pela abundância de gavetas.

“Justamente do que eu preciso para o aniversário de Suzanne”, pensou.

E como, na medida de seus modestos recursos, fazia de tudo para alegrar a filha, discutiu o preço e pagou a soma de sessenta e cinco francos.

No momento em que fornecia seu endereço para a entrega, um rapaz de maneiras elegantes, após bisbilhotar aqui e ali, percebeu o móvel e perguntou:

– Quanto?

– Está vendido – respondeu o comerciante.

– Ah!... Ao cavalheiro, talvez?

O senhor Gerbois fez uma saudação e, mais feliz ainda por possuir o móvel cobiçado por um semelhante, retirou-se.

Mas não dera dez passos na rua quando foi alcançado pelo rapaz, que, de chapéu na mão e num tom de perfeita cortesia, interpelou-o:

– Peço-lhe mil desculpas, cavalheiro... Tenho uma pergunta indiscreta a lhe fazer... O senhor estava procurando especialmente essa escrivanhinha?

– Não. Estava atrás de uma balança em oferta para algumas experiências de física.

– Quer dizer que não faz muita questão dela?

– Gostei dela, só isso.

– Porque é antiga, talvez?

– Porque é prática.

– Nesse caso, consentiria em trocar por uma escrivanhinha igualmente prática, porém em melhor estado?

– Esta acha-se em bom estado e a troca me parece inútil.

– No entanto...

O senhor Gerbois é um homem que se irrita com facilidade, exibindo um temperamento suscetível. Respondeu secamente:

– Por favor, cavalheiro, não insista.

O desconhecido plantou-se à sua frente.

– Ignoro o preço que pagou, senhor... Ofereço-lhe o dobro.

– Não.

– O triplo?

– Oh! Paremos por aqui – exclamou o professor, impaciente. – O que me pertence não está à venda.

O rapaz fitou-o detidamente, com uma cara que o senhor Gerbois não iria esquecer; depois, sem uma palavra, girou nos calcanhares e se afastou.

Uma hora depois, entregavam o móvel na casinha que o professor ocupava na estrada de Viroflay. Ele chamou a filha.

– É para você, Suzanne, claro, se for do seu gosto.

Suzanne era uma moça bonita, expansiva e feliz. Atirou-se no pescoço do pai e o abraçou com a mesma alegria que o teria feito se ele a tivesse presenteado com algo suntuoso.

Naquela mesma noite, após instalá-la no seu quarto com a ajuda de Hortense, a empregada, limpou as gavetas e arrumou cuidadosamente seus papéis, suas caixas de envelopes, sua correspondência, suas coleções de cartões-postais e algumas lembranças furtivas que ela conservava afetuosamente de seu primo Philippe.

No dia seguinte, às sete e meia, o senhor Gerbois dirigiu-se ao liceu. Às dez horas, Suzanne, obedecendo a um hábito cotidiano, esperava-o na saída, e para ele era um grande prazer avistar, na calçada defronte do portão, sua figura graciosa e seu sorriso de criança.

Voltaram juntos.

– E sua escrivainha?

– Simplesmente maravilhosa! Hortense e eu polimos os detalhes em cobre. Ficou parecendo ouro.

– Então está contente?

– Se estou contente?! Nem sei como pude viver sem ela até aqui. Atravessaram o jardim que precedia a casa. O senhor Gerbois sugeriu:

– Vamos dar uma olhada nela antes do almoço?

– Oh, sim! Boa ideia.

Ela subiu primeiro, mas, ao chegar à porta do quarto, deu um grito de estupefação.

– O que houve afinal? – balbuciou o senhor Gerbois.

Em seguida, entrou no quarto. A escrivainha não estava mais lá.

O que espantou o juiz de instrução foi a admirável simplicidade dos meios aplicados. Na ausência de Suzanne, e enquanto a empregada fazia suas compras, um transportador, devidamente identificado – vizinhos viram sua placa –, parara sua carroça em frente ao jardim e tocara duas vezes. Os vizinhos, ignorando a ausência da empregada, não alimentaram nenhuma suspeita, de modo que o indivíduo executou o serviço na mais absoluta tranquilidade.

Com o seguinte detalhe: nenhum armário fora arrombado, nenhum relógio de parede, deslocado. Como se não bastasse, o porta-moedas de

Suzanne, que ela deixara sobre o tampo de mármore da escrivaninha, estava na mesa ao lado com as moedas de ouro que continha. A motivação do roubo, portanto, estava claramente determinada, o que o tornava ainda mais inexplicável, pois, afinal, por que correr tantos riscos por butim tão irrisório?

A única pista que o professor pôde fornecer foi o incidente da véspera.

– Na mesma hora o rapaz manifestou, ante minha recusa, uma profunda contrariedade, e tive a impressão muito nítida de que se despedia com uma ameaça.

Era muito vago. Interrogaram o antiquário. Ele não reconheceu nenhum dos dois cavalheiros. Quanto ao objeto, comprara-o por quarenta francos na Chevreuse, após um leilão decorrente de um falecimento, e julgava tê-lo revendido por seu justo valor. A investigação que se seguiu não acrescentou nada de novo.

Mas o senhor Gerbois continuou persuadido de que sofrera um prejuízo enorme. Uma fortuna devia estar dissimulada no fundo falso de uma das gavetas, sendo esta a razão pela qual o rapaz, conhecedor do esconderijo, agira com tal determinação.

– O que teríamos feito com essa fortuna, paizinho? – ecoou Suzanne.

– O quê?! Ora, com um dote desses, você poderia aspirar aos melhores partidos.

Suzanne, que limitava suas pretensões ao primo Philippe, um partido medíocre, suspirava amargamente. E a vida continuou na casinha de Versalhes, menos alegre, menos despreocupada, nublada por arrependimentos e decepções.

Transcorreram dois meses. E, subitamente, um atrás do outro, os acontecimentos mais graves, uma série inesperada de coincidências e catástrofes!...

No dia 1º de fevereiro, às cinco e meia, o senhor Gerbois, que acabava de chegar com um jornal vespertino nas mãos, sentou-se, colocou seus

óculos e começou a ler. Não se interessando por política, virou a página. Imediatamente uma manchete chamou sua atenção:

*Terceiro sorteio da loteria das Associações da Imprensa.  
O número 514, série 23, ganha um milhão...*

O jornal escorregou-lhe das mãos. As paredes vacilaram diante de seus olhos, e seu coração parou de bater. O número 514, série 23, era o seu número!

Comprara-o por acaso, para fazer um favor a um amigo, pois não acreditava nem um pouco nos favores do destino, e eis que ganhava!

Imediatamente, pegou sua caderneta. Ali estava, na primeira folha, o número 514, série 23, para que ele não esquecesse. Mas e o bilhete?

Correu em direção ao seu gabinete de trabalho para procurar na caixa de envelopes, entre os quais esgueirara o precioso bilhete, e, mal entrou, estacou, vacilando novamente, com um aperto no coração: a caixa de envelopes não estava ali e, coisa aterradora, ele subitamente se dava conta de que não estava ali havia um bom tempo! Fazia semanas que a deixara de ver à sua frente nas horas em que corrigia os deveres de seus alunos!

Um barulho no cascalho do jardim... Ele chamou:

– Suzanne! Suzanne!

A filha veio correndo. Subiu precipitadamente. O pai balbuciou, com a voz engasgada:

– Suzanne... a caixa... a caixa de envelopes?...

– Qual?

– A do Louvre... que eu tinha trazido uma quinta-feira... e que ficava na ponta desta mesa.

– Ora, não se lembra, pai? Estávamos juntos quando a guardamos...

– Quando...

– Aquela noite... você sabe... Na véspera do dia...

– Mas onde?... Responda... Está me matando...

- Onde?... Na escrivaninha.
- Na escrivaninha que foi roubada?
- Sim.
- Na escrivaninha que foi roubada!

Repetiu essas palavras baixinho, com uma espécie de pavor. Em seguida agarrou a mão da filha e, num tom ainda mais baixo:

- Ela continha um milhão, Suzanne...
- Ah, pai, por que não me contou? – ela murmurou ingenuamente.
- Um milhão! – ele repetiu. – Era o número vencedor da loteria da

Imprensa.

A dimensão do desastre os aniquilava, e por muito tempo conservaram um silêncio que não tinham coragem de romper.

Por fim, Suzanne articulou:

- Mas, pai, eles vão lhe pagar de qualquer maneira.
- A troco do quê? Com que provas?
- Então é preciso provas?
- Que pergunta!
- E você não tem?
- Sim, tenho uma.
- E não basta?
- Ela estava na caixa.
- Na caixa que desapareceu?
- Sim. E outro porá as mãos no dinheiro.
- Mas isso é abominável! Ora, papai, você não pode se opor?
- Sabe-se lá! Sabe-se lá! Esse homem deve ser muito forte! Dispõe de muitos recursos! Lembre-se... o caso desse móvel...

O senhor Gerbois levantou-se num sobressalto, batendo com o pé no chão:

- Pois bem, não, não, ele não receberá esse milhão, não receberá! Por que o receberia? Afinal, por mais hábil que seja, tampouco pode fazer nada. Caso se apresente para receber, será engaiolado! Ah, veremos, meu rapaz!

## ARSÈNE LUPIN CONTRA HERLOCK SHOLMES

- Tem então uma ideia, pai?
- Defender nossos direitos até o fim, aconteça o que acontecer! E triunfaremos!... O milhão me pertence: eu o terei!

Alguns minutos mais tarde, mandou o seguinte telegrama:

*Caixa Econômica Federal, rua Capucines, Paris.*

*Sou detentor do número 514, série 23. Rejeite por todas as vias legais qualquer reivindicação alheia. Gerbois*

Quase ao mesmo tempo, chegava à Caixa Econômica este outro telegrama:

*O número 514, série 23, está em minhas mãos.*

*Arsène Lupin*

Sempre que começo a contar alguma das inumeráveis aventuras de que se compõe a vida de Arsène Lupin, fico muito confuso, pois me parece que até a mais desimportante dessas aventuras já é do conhecimento de todos os que me lerão. De fato, não há um gesto do nosso “ladão nacional”, como o apelidaram tão graciosamente, que não tenha sido assinalado da maneira mais bombástica, nenhuma façanha que não tenha sido estudada sob todos os seus ângulos, nenhum ato que não tenha sido comentado com essa abundância de detalhes que costumamos reservar ao relato das ações heroicas.

Quem não conhece, por exemplo, a estranha história da *Mulher Loura*, com aqueles episódios curiosos que geravam manchetes bombásticas: *O número 514, série 23... O crime da avenida Henri-Martin!... O diamante azul!...* Que alvoroço causou a intervenção do famoso detetive inglês Herlock Sholmes! Que efervescência após cada uma das peripécias que marcaram a luta desses dois grandes artistas! E que agitação nas ruas, o dia em que os jornaleiros vociferavam: “*A prisão de Arsène Lupin!*”.